

# O ESPAÇO DE BRASÍLIA, O AMOR E A MORADA DA ALMA.

Myriam Ocampos

**RESUMO:** A poesia lírica “Léo e Bia” de Oswaldo Montenegro nos transporta para o centro do espaço de Brasília. Ouvir/sentir a música e nos transportar com ela para a Brasília imaginada pelo poeta, nos auxilia a compreender que o devaneio poético tem como função encontrar a morada da alma. É através das lembranças dos espaços vividos que aprendemos a morar em nós mesmos. O objetivo do presente artigo é, considerando a perspectiva junguiana, desvendar, através de um estudo sobre o espaço e sobre a poesia lírica “Léo e Bia”, onde está presente o amor e a morada da alma no âmbito desta cidade.

*“Um lugar organizado, limpo, com espaço livre pra circulação e uma boa entrada de luz.  
Mas casa, pra mim, tem que ser casa e não um centro cirúrgico, um cenário de novela.  
Tem gente que gasta muito tempo limpando, esterilizando, ajeitando os móveis, afofando as almofadas...  
Não, eu prefiro viver numa casa onde eu bato o olho e percebo logo: Aqui tem vida...” (trecho do poema “Casa Arrumada” de Carlos Drummond de Andrade)*

Uma casa “é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos” (BACHELARD, 1993, p.24). Ela será lembrada; será para sempre viva nas lembranças de seus moradores. Mas não são as paredes que são lembradas: é o espaço de afeto, aquele que se sente, que se vive.

Ao descrever uma casa onde habitamos em algum momento de nossa vida, falaremos sobre como era sua iluminação, se era quente ou fria, se era aconchegante e assim seguiremos até tirarmos os pés do chão, perdermos o contato com a razão, e mergulharmos cada vez mais em nossas lembranças num devaneio de sentimentos sobre os espaços criados entre paredes, portas, janelas e teto.

É “o que tantas vezes fazemos ao utilizar a linguagem para descrever espaços, o modificamos, apresentamos o sentimento mais que a localização, apresentamos a impressão, a imagem, a palavra primeira, antes do conceito.” (ALENCAR, 2003, p.3)

Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.

O mesmo ocorre com o espaço urbano, aquele que surge entre prédios, praças e ruas da cidade. “Todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1993, p.25). É sobre este espaço que falamos quando descrevemos uma casa ou uma cidade. O intangível; porém, o que se sente e onde realmente se habita, o espaço criado entre paredes ou entre prédios, muros e avenidas.

É neste espaço que se encontram as lembranças dos momentos vividos, é graças a ele “que um grande número de nossas lembranças estão guardadas.” (Cf. BACHELARD, 1993, p.27).

Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser (...). Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço. (BACHELARD, 1993, p.28).

O tempo já não anima a memória. A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta, (...). Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas. (BACHELARD, 1993, p.28).

Neste raciocínio, permanecendo o inconsciente nos locais habitados, é através da lembrança dos espaços vividos que acessamos nosso interior, nossa morada interior, onde a alma vive. Acendo a luz desta morada, amplio/crio consciência sobre ela e sigo pela longa estrada da individuação<sup>1</sup> em busca do *Si mesmo*<sup>2</sup>, que Jung também chama de “o Deus em nós” (JUNG, C.G. 2015, p.129).

(...) não reencontraremos em nós mesmos, sonhando em nossa simples casa, os reconfortos da caverna? (...) Não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das “casas”, dos “apostos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas. (BACHELARD, 1993, p.20)

**1 – Individuação:** “tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos pois, traduzir “individuação” como “tornar-se si-mesmo” ou “realizar-se do si-mesmo””. (JUNG, C.G. 2015, p. 63. Grifos do autor.)

**2 – Si-mesmo:** “imagem da totalidade da psique, como seu centro e também como símbolo dessa unidade (...)” (RAFFAELLI, 2002).  
Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.

Nos devaneios sobre a casa e a cidade por nós habitada, buscamos encontrar os reconfortos da nossa morada interior. E que saudade sentimos dessa morada! Onde ela está? Tão longe e tão perto! Como é bela e aconchegante!

Estamos sempre em busca de nós mesmos. De nossa morada interior. De nossa alma. Mesmo que inconscientemente. Mesmo que estejamos egocentricamente focados na vida exterior, no sucesso profissional, nos ganhos, nos prazeres mundanos. Chega um momento em que a vida nos mostra a saudade que sentimos de um lugar que sabemos, mas não sabemos. Que conhecemos, mas... como é mesmo? Onde fica mesmo?

É o chamado da nossa alma nos dizendo que não podemos viver na morada exterior sem viver na morada interior.

A pessoa humana não é uma máquina no sentido de poder ter um rendimento de trabalho constante, mas ela só pode corresponder de forma ideal à necessidade externa se também estiver ajustada ao seu próprio mundo interno, isto é, se estiver em harmonia consigo mesma. E, inversamente, ela só pode ajustar-se a seu próprio mundo interno e alcançar a harmonia consigo mesma se também estiver adaptada às condições do ambiente. (JUNG, C.G. 2013a, p.51)

E nesta busca pela morada interior, poetas e artistas do Renascimento e Romantismo imaginaram um lugar edílico de felicidade e plenitude: a Arcádia. Não a Arcádia real, província da Grécia antiga, mas a Arcádia imaginada, onde se vive em comunhão com a natureza (Wikipedia, 2024).

A ideia da Arcádia chegou aos tempos modernos pelo conceito de Cidade-Jardim, desenvolvido no século XIX pelo urbanista inglês Ebenezer Howard, e que busca equilibrar o campo com a cidade, trazendo aos seus habitantes a proximidade com a natureza no meio urbano. As cidades-jardim seriam uma Arcádia moderna. Delas, nasceria “uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização” (HOWARD, apud SABOYA, 2008).

Mas por que a busca pela morada interior os fez imaginar um espaço de comunhão entre campo e cidade? Por que não uma cidade absolutamente concreta? A resposta está na necessidade de darmos as boas-vindas à Pã<sup>3</sup>.

**3 – Pã:** Deus dos cultos pastorais, de aparência meio humana, meio animal (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2022)  
Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.

## **Pã e a Cidade-Jardim**

Quem também nos diz sobre a importância de se trazer a natureza de volta para a cidade é Hillman: num diálogo imaginário com a figura mítica de Pã, deus dos bosques e amante da música, Hillman trata do afastamento do homem da natureza e como isso afeta sua psique:

“Uma pergunta que Pã poderia nos fazer é: "Por que vocês, pessoas civilizadas que professam um cristianismo tão compassivo, maltratam tanto o meio ambiente? Por que destroem, arrasam e derrubam tantos acres de bosques e encostas de montanhas? Por que existem cada vez menos lugares solitários onde pessoas possam se esconder na natureza e a natureza se esconder das pessoas? Estariam tentando acabar com as minhas tocas? Dar uma solução final ao problema de Pã?" (HILLMAN, 2015, p. 105)(...) “Por acaso seu mundo diurno não estaria se convertendo em um pesadelo sufocante? Seus filhos não têm cada vez mais problemas para respirar? Não vivem obcecados com segurança, armados para se proteger da surpresa, medicados contra os ataques de pânico? O que fizeram para salvar as ninfas, os diminutos e distintos sons da natureza, a suave música noturna da natureza? Parques, resorts, campos de golfe e trilhas claramente delimitados – não existem ninfas nesses espaços, não há riscos de os sentidos se perderem diante da beleza da terra. Não há sequer risco de pânico". (HILLMAN, 2015, p. 105)

A concretude, o racional da delimitação de espaços urbanos nos afastam de nossa natureza íntima, aquela que busca no espaço natural, na desorganização de vegetações nascidas aleatoriamente sobre a terra e dos rios tortuosos que correm por entre sulcos no solo, a perda da razão-pensamento, para encontrar, através de um devaneio, a emoção-sentimento diante da beleza da terra.

(...) “a ciência e sua engenharia tecnológica estão deliberadamente perseguindo e não simplesmente livrando o progresso da sociedade do pensamento místico e confuso da natureza. Mais que tudo, a ciência teme o retorno do Pã "dentro de nós". Uma vez que Pã é Eufíates e o pesadelo, ele é imprevisível e amoral. Seus impulsos vivem nos lugares mais estéreis da psique, lá onde o pensamento da engenharia civil não ousa se aventurar. Ele se esconde nas cavernas da psique, nas regiões da alma”. (HILLMAN, 2015, p. 106)

Mas “a cidade também tem seus locais solitários e suas cavernas escuras”, “o bode habita a cena urbana, espreita nas esquinas” (HILLMAN, 2015, p. 107). Através da música, da dança, das cenas culturais e ritos, Pã se faz presente e então, a Arcádia apareceria “à guisa de uma cidade romântica, brumosa, lânguida, evocativa” e a cidade seria de novo um lugar “assombrado por ninfas e pela

**4 – Ninfolepsia:** Misantropia das pessoas que almejam principalmente a solidão dos bosques (DICIO,2024).  
Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.

ninforepsia ”. (HILLMAN, 2015, p. 107). Posso reencontrar os reconfortos da caverna.

**4 – Ninforepsia:** Misantropia das pessoas que almejam principalmente a solidão dos bosques (DICIO,2024).  
Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.

Pã está em Brasília e espreita seus habitantes mesmo nesta cidade sem esquina, porém, cheia de verde, de natureza: espreita nos imensos jardins de Brasília, no “Eixão do Lazer”, nos eventos ao ar livre, nos piqueniques no Parque da Cidade e na Praça dos Cristais, entre os “fotógrafos de Pôr do Sol” na Praça do Cruzeiro, entre os bosques do Plano Piloto.

Na concepção de Brasília, o urbanista Lúcio Costa utilizou o conceito de “Cidade-Jardim”. Assim, apesar da concretude-racionalidade (Logos) de uma cidade criada dentro dos conceitos modernos de arquitetura do século XX, o projeto urbanístico deu as boas-vindas à Pã e trouxe a natureza para perto. O corpo concreto da cidade ganhou alma. E os filhos de Brasília devaneiam nas regiões da alma da cidade para encontrar a emoção-irracionalidade e o amor (Eros). Reencontrar a morada interior e aprender a morar em si mesmo.

### **Bachelard e a poética do espaço.**

O filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962) desenvolveu a topoanálise: um “estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1993, p.27). Tal estudo é feito a partir da análise das imagens surgidas no devaneio do poeta. Elas surgem antes mesmo do pensamento, da razão, e, portanto, não são racionais. Estão longe da concretude e próximas de Pã.

Para bem especificar o que pode ser uma fenomenologia da imagem, para especificar que a imagem vem antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é, mais que uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma. (...)

Em nossa opinião, alma e espírito são indispensáveis para estudarmos os fenômenos da imagem poética em suas diversas nuances, para que possamos seguir sobretudo a evolução das imagens poéticas desde o devaneio até a sua execução. (...). Por si só, o devaneio é uma instância psíquica que muitas vezes se confunde com o sonho. Mas (...) no devaneio poético a alma está de vigília, sem tensão, repousada e ativa. Para fazer um poema completo, bem estruturado, será preciso que o espírito o prefigure em projetos. Mas para uma simples imagem poética não há projeto, não lhe é necessário mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma afirma a sua presença.

(...) Pierre-Jean Jouve escreve: “A poesia é uma alma inaugurando uma forma.” A alma inaugura. Ela é aqui potência inicial. É dignidade humana. Mesmo que a “forma” fosse conhecida, percebida, talhada em “lugares-comuns”, antes da luz poética interior ela seria um simples objeto para o espírito. Mas a alma vem inaugurar a forma, habitá-la, comprazer-se nela. (BACHELARD, 1993, p.4-6)

Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.

Se a alma inaugura a forma, o espaço, a casa, a cidade, a morada, ela o faz através da poesia. Só podemos captar o sentimento da alma em relação ao espaço se nos afastarmos da racionalidade e mergulharmos no devaneio.

A alma nos fala, não da concretude (razão-matéria-realidade) das paredes, edifícios e ruas, mas do espaço imaginado, o que surge entre as paredes. O que se sente, o que se habita! A linguagem da alma é a imagem, que vem da irracionalidade, do devaneio.

Desta forma, através da topoanálise da poesia, podemos captar o sentimento da alma em relação ao espaço vivido.

### **O Devaneio de Oswaldo Montenegro**

*“No centro de um planalto vazio / Como se fosse em qualquer lugar / Como se a vida fosse um perigo / Como se houvesse faca no ar / Como se fosse urgente e preciso / Como é preciso desabafar / Qualquer maneira de amar varia / E Léo e Bia souberam amar.*

*Como se não fosse tão longe / Brasília de Belém do Pará / Como castelos nascem dos sonhos / Pra no real, achar seu lugar / Como se faz com todo cuidado / A pipa que precisa voar / Cuidar de amor exige mestria / E Léo e Bia souberam amar” (Léo e Bia - Oswaldo Montenegro)*

Nascido no Rio de Janeiro em 1956, Oswaldo Montenegro mudou-se para Brasília em 1971, “cidade que viria a adotar e que é tema constante em sua obra” (OSWALDO MONTENEGRO, 2024). Em “Léo e Bia”, Oswaldo afasta-se da racionalidade da concretude e encontra a beleza na Brasília imaginada, sentida e habitada.

“Ao criar, o autor busca a palavra e através da imagem nos canta o mundo a nossa volta” (ALENCAR, 2003, p. 3). Desta forma, na topoanálise de “Léo e Bia”, será feita a “leitura de imagens, na lírica do autor” (ALENCAR, 2003, p. 3) em busca da sua morada interior.

Ouvindo a música, podemos participar do devaneio de Oswaldo e nos transportar em direção ao centro do Planalto vazio. No mundo real, trata-se do Planalto Central. Mas aqui no devaneio, podemos sentir o centro estático e silencioso, o *Nada* que espera a vida brotar.

Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant, “as cidades, instaladas no centro do mundo, refletem a ordem celeste e recebem a sua influência.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p.292).

Isto nos leva a pensar que no devaneio de Oswaldo, Brasília descende do que é celeste, divino. E os sonhos de nossa alma, do que queremos construir na nossa vida, não são divinos? E o que descende do divino não é também divino? Brasília descende de um sonho: “como castelos nascem dos sonhos”.

Ainda sobre este centro do Planalto vazio; “como se fosse em qualquer lugar, como se a vida fosse um perigo, como se houvesse faca no ar”; é árido, seco, como o clima de Brasília e simboliza ao mesmo tempo o útero vazio à espera da fertilização.

Segundo Jung, “a cidade é um símbolo materno, uma mulher, que abriga em si os habitantes como filhos” (Cf. JUNG, C.G. 2013b, p.440). Na mitologia grega, as deusas Reia e Cibele ostentam coroas em forma de muro (Cf. JUNG, C.G. 2013b, p.440).

Desde a época dos homens primitivos, o corpo feminino tem o significado numinoso de carregar a vida em seu interior. É o vaso da vida. (Cf. NEUMANN, 2021, p.53). Daí a antiga ideia da cidade como mãe que carrega os habitantes dentro de si.

O núcleo simbólico do Feminino é o vaso. Desde os primórdios da evolução até seus estágios mais recentes, encontramos esse símbolo arquetípico como a essência do Feminino. A equação simbólica básica MULHER=CORPO=VASO corresponde, talvez, à experiência básica mais elementar da humanidade em relação ao Feminino (...). (NEUMANN, 2021, p. 53)

O feminino está, desta forma, diretamente relacionado à fertilidade, a conter dentro de si e fazer nascer a vida. Segundo Jung, na Índia, Indra é considerado esposo de Urvara, que quer dizer a “terra fértil”. (JUNG, C.G. 2013b, p.440).

Na lírica de Oswaldo Montenegro, como se fosse urgente e preciso, o centro do Planalto vazio é fertilizado pela construção da cidade, pela vontade de Juscelino Kubitschek e do povo brasileiro, e Brasília “nasce” das mãos dos sonhadores e construtores. Nasce, filha do centro vazio, descende do sonho divino, é, portanto, divina, e torna-se mãe de seus habitantes. Começa a história de amor. Seus filhos Léo e Bia souberam amar.

Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.

No mundo das imagens, dos sentimentos, não há distância. Podemos voar num piscar de olhos de uma terra a outra. A distância física entre Brasília e Belém do Pará não é tão longe para o amor. A Brasília imaginada está próxima de Belém. E dos sentimentos de amor, o castelo foi sonhado, com todo cuidado e mestria, como a pipa que precisa voar, pra no real achar seu lugar.

Léo e Bia, com mestria, souberam amar e através do amor, do irracional, do irreal imaginado, trazem para o real, para o racional, a concretização do castelo imaginado. E não foi com mestria que Brasília foi imaginada e trazida para o real? Oswald, numa correlação com dois personagens, parece querer nos dizer que Brasília foi feita com cuidado e mestria, como exige a pipa que precisa voar, como exige o amor. Ela foi feita com amor, foi feita de amor. Ela própria é o amor. Ela tem vida, seu corpo-vaso é habitado.

É o espelho da morada da alma do poeta.

Sim, a morada da alma é o amor!

## Referências

- ALENCAR, Andréa. *O espaço consagrado na lírica de caetano veloso*. Salvador, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 37ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.
- DICIO. *Ninforepsia*.  
<https://www.dicio.com.br/ninforepsia/> . Acesso em 24/06/2024.
- NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente*. 2ªed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2021.
- HILLMAN, James. *Pã e o pesadelo*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2015.
- JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.  
\_\_\_\_\_ *A energia psíquica*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.  
\_\_\_\_\_ *Tipos psicológicos*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- OSWALDO MONTENEGRO. *Biografia*.  
<https://www.oswaldomontenegro.com.br/> . Acesso em 24/06/2024.
- RAFFAELLI, Rafael. *Imagem e self em Plotino e Jung: confluências*.  
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2002000100003> . Acesso em 05/07/2024.
- SABOYA, Renato. *Ebenezer Howard e a Cidade-Jardim*.  
<https://urbanidades.arq.br/2008/10/13/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>.  
Acesso em 24/06/2024.
- WIKIPEDIA. *Arcádia* (poesia).  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Arc%C3%A1dia\\_\(poesia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arc%C3%A1dia_(poesia)) . Acesso em 24/06/2024.

Arquiteta e urbanista (UniCEUB-DF); especialista em psicologia analítica; analista em formação pelo CEJAA; Linha de pesquisa: “Diálogos entre a Literatura, Cinema, Filosofia e a Psicologia Analítica”.